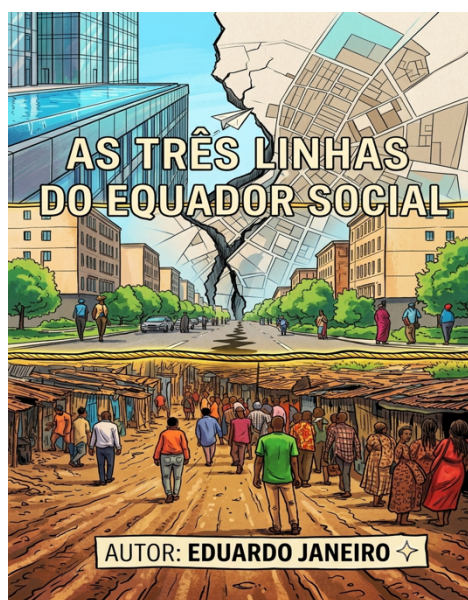




Site do autor: livrosqueardem.com

Prólogo

“O homem, leitor, não é outra coisa senão uma coleção de ambições adiadas. E qual o pior pecado? O de não as ter. Ou, talvez, o de as realizar.”

Os Três Pontos Cardeais

Há quem divida a cidade de Maputo pelos bairros; eu prefiro dividi-la pelos destinos.

No extremo sul, onde o pó se acumula nas janelas e a esperança se varre com a mesma vassoura usada para varrer o quintal, vive Mufaro — remendador de sapatos, filósofo quando sobra tempo, e, mesmo assim, ignorado por todos, inclusive pelo filósofo oficial do bairro, que só lê as manchetes dos jornais.

Mufaro dobra-se sobre uma sola furada com a gravidade de um cirurgião, enquanto comenta para si mesmo:

— A vida é como este sapato... O que se gasta primeiro é sempre a parte que ninguém vê.

Ninguém ouviu. Nem ouviu nem ouviria; sabedoria pobre, leitor, é como poesia escrita a lápis na chuva.

Mais acima na escala social — não muito acima, apenas o suficiente para poder sonhar com dívidas mais sofisticadas — temos Mateus. Estuda numa sala tão mal iluminada que os mosquitos precisam de mapa para encontrar a lâmpada. Sonha com Harvard, mas enquanto isso consulta o saldo do telemóvel para ver se ainda tem dados móveis.

E sonhar, leitor, gasta muitos dados.

Enquanto ele conjuga verbos irregulares e imagina o futuro a crédito, a mãe frita magumba na cozinha, e o cheiro, coitado, infiltra-se nas paredes como uma verdade inconveniente. Mateus abre a janela, mas o vento — esse grande inimigo das ambições domésticas — insiste em trazer o aroma de volta.

No norte metafórico, entre os apartamentos de vidro que brilham no sol e refletem mais o ego dos donos que a luz da manhã, vive Bernardo. Filho de empresário, aluno repetente da vida, ele assiste às aulas do Lycée Français International Gustave Eiffel de Maputo com o entusiasmo de quem lê bula de remédio. Naquele dia, folheava um livro de filosofia existencial — presente da namorada intelectual — mas o livro parecia resistir ao entendimento com a mesma teimosia que um camaleão resiste ao banho.

Bernardo encosta-se ao sofá, boceja e conclui que o mundo é, acima de tudo, cansativo.

Três rapazes, três destinos, três ironias — como se a sociedade fosse escrita em triângulos, e cada ângulo tivesse o seu próprio desespero.

O Primeiro Fato de Mateus

Leitor, anota esta máxima: o tecido sintético é o maior inimigo da meritocracia. Ele aperta, coça, brilha e denuncia.

Mateus, sabendo disso, passa horas a ensaiar poses de descontração diante do espelho, tentando parecer tão confortável quanto um diplomata em missão internacional. Mas o fato barato insiste em comportar-se como o que é: uma fantasia de prestígio.

A gravata, comprada numa banca duvidosa, parece ter sido ensinada a odiar o pescoço. O sapato aperta. Mas o maior terror de Mateus é outro: que alguém no evento descubra, pelo faro, o seu verdadeiro endereço olfativo. “Será que o cheiro da magumba frita atravessou a parede da roupa?”, pergunta-se o rapaz.

O narrador consola-o:

— Coragem, Mateus. A sociedade tem o nariz entupido quando se trata de ascensão social.

E ele vai, suando ambição, caminhando para a festa universitária que ele ainda não merece, mas para a qual já deve.

A Sabedoria da Pedra

Mufaro, nesse mesmo dia, carrega sacos de cimento num mercado informal. O sol castiga; a camisa, que já conheceu dias melhores, agora conhece apenas manchas.

Mas a mente de Mufaro, ah! essa vagueia livre.

— A economia — diz ele, enquanto descansa um saco no chão — é simples. O rico promete, o pobre paga, e o Estado fecha os olhos para não se envergonhar.

Um investidor próximo ri, sem perceber que foi alvo da sentença. Outro pergunta:

— Quem és tu para falar assim?

— Sou quem carrega o vosso cimento — responde Mufaro.

Os investidores voltam às conversas sobre taxas, lucros e riscos. Ninguém toma nota de Mufaro, o economista da poeira. A verdade, quando vem mal vestida, não passa da porta.

O narrador, comovido, suspira:

— Veja, leitor. A verdade é pobre e mal-vestida; por isso preferimos ouvir a mentira, que usa colarinho.

O Tédio da Vista para o Mar

Bernardo desperta da sesta filosófica com a sensação profunda de que existe algo errado no mundo — ou, talvez, algo errado consigo, o que seria mais provável.

Ele pega o livro existencialista que a namorada lhe deu e lê a frase inicial três vezes. Nada. Nem um lampejo. Nem uma epifania mínima. Apenas sono.

— Isto deve ser a tal culpa de classe — pensa, com um bocejo estético.

Mas culpa exige consciência, e sono exige apenas almofada.

O narrador, paciente, explica:

— O sofrimento de Bernardo, leitor, não é a dor da pobreza nem a dor da injustiça. É dor de cão alimentado demais, que não sabe o que fazer com o próprio luxo.

E assim termina a adolescência dos três rapazes — cada qual seguindo o destino que lhe coube, ou que lhe foi imposto, ou que, quem sabe, ele mesmo escolheu sem perceber.

A Curva da Realidade (A Juventude)

O Exame Nacional

Leitor, chegamos enfim ao ritual mais sagrado da juventude moderna: o Exame Nacional. Nunca um documento de quinze páginas possuíra tanto poder sobre sonhos tão frágeis. O exame é como uma lotaria: todos acreditam que podem ganhar, mas apenas os já favorecidos pelo destino têm, de fato, o bilhete premiado.

Mufaro

Mufaro chega cedo — cedo demais, como só chegam os que não podem falhar. Carrega um lápis, duas borrachas e um caderno amarrotado que usou para estudar à luz de uma vela. A sua camisa, passada com carinho mas não com ferro, insiste em formar pregas filosóficas.

Senta-se. Olha o exame. Sabe as respostas.

E, leitor, esta é a sua ironia: quando a mente de um pobre atende às exigências do futuro, o bolso lembra-lhe o passado.

Dias depois, o resultado: a nota mais alta entre os concorrentes. Um prodígio.

Mas matrícula? Transporte? Taxas? A soma total excede o salário mensal do pai, da mãe e do destino conjugados.

O narrador lamenta:

— Há talentos que nascem para voar, mas a sociedade insiste em vender-lhes asas à prestação.

Mateus

Já Mateus, pobre rapaz, passa por pouco — e por pouco entende-se: por um fio de cabelo, por um sopro de misericórdia, por uma equação resolvida com o auxílio invisível de um cursinho intensivo que, se não lhe ensinou matemática, ao menos lhe ensinou otimismo.

Mas a sua família, movida pelo instinto ancestral da aparência, decide festejar a proeza. A mãe compra refrigerantes, o pai mata uma galinha, a tia espalha a notícia no grupo da igreja. Endividam-se? Claro. Mas dívida, leitor, é o colar de pérolas dos pobres: não brilha, mas dá estatuto.

Mateus sorri, tímido. No fundo, teme que descubram a verdade: não passou por mérito, mas por milagre.

Bernardo

E Bernardo? Ah, Bernardo.

Bernardo não faz o exame. A vaga na universidade já estava garantida desde o seu primeiro ultrassom — herança não genética, mas bancária.

— Esses processos competitivos são tão desgastantes — comenta ele, preguiçoso.

Sim, leitor. Para quem nunca os enfrentou, são mesmo.

A Elegância do Calote

Se a sociedade fosse uma peça teatral, Mateus seria o figurante que tenta convencer o público de que é protagonista — e quase consegue, até tropeçar no fiado.

Tudo começa numa tarde de calor, quando ele decide levar uma colega rica ao Taverna Doce. Sente-se moderno, sofisticado, quase um personagem de romance francês. O problema é que, como acontece aos personagens franceses, falta-lhe dinheiro.

Pede dois cappuccinos artesanais, pronuncia o nome em italiano com o sotaque de Xipamanine, e paga com o cartão de débito que tem mais esperança do que saldo.

— Transação recusada — diz a máquina, numa voz fria como a economia.

— Estranho... Tente novamente — responde Mateus, com o ar estudado de quem já pagou contas importantes na vida.

A máquina tenta. Recusa. Tenta. Recusa.

Até que, por insistência da humilhação, o empregado sussurra:

— Pode pagar depois, chefe.

E Mateus, salvo pela benevolência do sistema informal da vergonha, abandona o local com classe duvidosa.

Os dias seguintes são uma dança social: ele caminha por becos, evita cruzar com o empregado do café, aprende rotas alternativas, vive como um fugitivo — e por um cappuccino, perdão dois.

O narrador aproveita a ocasião para a lição:

— Ah, o calote, leitor! Não é crime de Mateus; é um imposto que a sociedade cobra pela licença de sonhar com o que não lhe pertence.

A Inversão Perfeita

Mufaro, sempre ele, encontra trabalho na construção civil. Levanta paredes que jamais o abrigarão, assenta azulejos que jamais tocará, constrói sonhos que jamais dormirá dentro.

E é justamente numa dessas obras — um prédio de luxo tão alto que a vaidade é vista do último andar — que ele avista Bernardo.

Bernardo está a dar uma entrevista a uma revista sobre “Jovens Empreendedores”. O jornalista faz perguntas profundas; Bernardo responde com frases compradas no supermercado das ideias ocas:

— Acredito na importância de retribuir à sociedade...

— O meu trabalho é criar oportunidades...

— Empr

O narrador:

— Os pés no chão, leitor, pertenciam a Mufaro, cobertos de cimento.

A Teoria da Vantagem Inversa

Bernardo, atormentado por uma falta crónica de propósito — doença rara e exclusiva das elites, tão perigosa quanto o tédio e tão contagiosa quanto a moda — decide iniciar um projeto social.

A ideia é simples: ajudar “os pobres”. Não pobres específicos, leitor, mas pobres em abstrato, como se fossem um clima, uma categoria meteorológica.

Financiado pelo pai, ele chega à obra onde Mufaro trabalha.

— Quero inspirar-vos — diz Bernardo.

Mufaro, que já ouviu muitas promessas e poucas concretizações, sorri. E em três frases — três, leitor, como convém a um homem de sabedoria prática — desarma o projeto:

1. “Se quer ajudar, contrate-nos com salário digno.”
2. “Se quer inspirar, trabalhe um dia connosco.”
3. “Se quer mudar o país, comece por mudar a forma como olha para ele.”

Bernardo escuta, pisca, suspira... e conclui que “os pobres são demasiado complicados”.

O narrador fecha o capítulo com um agrado irônico:

— Eis a teoria da vantagem inversa: quem tem tudo, considera complicado o que é simples; quem nada tem, compreende facilmente o que é impossível.

O Peso Do Presente (Os Vinte e Poucos Anos)

Chegamos, leitor, ao período mais ingrato da vida: os vinte e poucos anos, essa encruzilhada onde a juventude começa a caducar, mas a maturidade ainda não chegou a tempo de salvar ninguém. É a fase em que o homem, para se sentir adulto, compra uma agenda; para se sentir jovem, não a usa.

Mufaro

Mufaro, por milagre e persistência, abre uma pequena loja de reparos — “Mão Feliz – Consertos e Milagres”, diz a placa torta. A loja tem três ferramentas, duas cadeiras mancas e um pano vermelho que serve tanto de proteção solar quanto de filosofia de vida.

Trabalha muito. Ganha pouco. Dorme razoavelmente.

E, leitor, não há triunfo maior para um pobre do que poder escolher o seu próprio cansaço.

Está estagnado, sim, como um carrossel que não gira. Mas é um carrossel seu, estacionado onde ele o empurrou, não onde o destino o largou.

Mateus

Mateus, por sua vez, conseguiu um emprego numa empresa que tem mais departamentos do que funções. Lá dentro, vive como um rato num labirinto de corredores, hierarquias e chefes com nomes compostos.

Um dia, recebe um e-mail do diretor:

“Favor alinhar o alinhamento do relatório já alinhado.”

Não entende a frase, mas executa. A vida corporativa é assim: primeiro faz-se; depois pergunta-se.

Mateus ainda dirige o seu pequeno carro usado — que descreve aos amigos como “semi-novo” e aos desconhecidos como “modelo recente”. Passa a vida a evitar buracos na estrada, não pelo carro, mas pela prestação.

Em casa, a esposa coleciona aparências com a mesma devoção com que a sogra colecionava panelas. Tudo é prestação: o sofá, o fogão, a felicidade.

O narrador suspira:

— A classe média, leitor, é a única classe capaz de se endividar para parecer que não precisa endividar-se.

Bernardo

E Bernardo? Voltou da universidade no exterior, armado com um diploma que nunca abriu e uma melancolia cara. Herda da família um cargo importante — “Diretor Executivo de Estratégias Emergentes”, título tão vago que serve para qualquer inútil com pedigree.

No entanto, Bernardo não decide nada. O pai decide por ele, os gerentes corrigem, os funcionários ignoram, e a empresa segue como sempre: apesar dele.

É então que, incomodado por uma sensação de vazio — vazio tão luxuoso que daria para alugar como apartamento na Polana — Bernardo decide dedicar-se à arte.

Sim, leitor. À arte.

Compra pincéis italianos, tintas francesas e telas tão grandes que só servem para acomodar a extensão do seu tédio. O resultado? Quadros abstratos que lembram acidentes domésticos.

Mas os amigos do pai, compadecidos, elogiam:

- Vejo aqui uma crítica profunda à sociedade líquida...
- Um desconforto pós-moderno...
- Uma ousadia cromática!

O narrador ri:

— A arte, quando regada com dinheiro demais, não floresce: escoa. E mesmo assim aplaudimos o esgoto se ele cheirar a perfume importado.

A Crise do Propósito (ou A Farsa Final)

Bernardo triunfa, leitor: torna-se um artista respeitado. Respeitado não pela arte, mas pelo preço das obras.

Organiza uma exposição com o pomposo título “Horizontes Interiores”, embora ele próprio nunca tenha visitado nenhum.

A crítica local — que vive entre o servilismo e a ignorância — escreve:

“Bernardo reinventa a angústia com pinceladas que desafiam o olhar.”

Desafiam mesmo: desafiam o olhar a encontrar algum sentido.

Enquanto isso, na loja de reparos, Mufaro pendura um quadro do filho, desenhado com lápis escolar. Ninguém o fotografa. Nenhum crítico o visita. Mas ali, naquela parede torta, há mais arte do que na galeria inteira de Bernardo.

Mateus, por sua vez, tenta visitar a exposição, mas o segurança da porta — que reconheceu o seu fato barato — pede-lhe o convite. Mateus finge procurar nos bolsos, finge receber uma chamada, finge tudo, menos o fato de que não foi convidado.

A farsa, leitor, está completa.

O Encontro no Semáforo (versão mais intensa)

De repente, o sinal fecha.

O SUV de Bernardo para diante da passadeira.

Mateus, carregando as suas pastas e a sua eterna esperança de promoção, detém-se um instante.

Mufaro aproxima-se da janela, oferecendo uma garrafa de água.

— Água fresca, chefe?

Bernardo ergue os olhos.

Por uma fração de segundo, os três homens olham-se.

Há rostos que o tempo modifica; há outros que apenas o sofrimento aperfeiçoa.

Mufaro reconhece Mateus.

Lembra-se do rapaz magro, de camisa engomada, que sonhava com universidades e futuros grandiosos.

Mateus reconhece Bernardo.

Lembra-se do estudante que parecia destinado a vencer antes mesmo de começar a corrida.

E, por um estranho milagre da memória, Bernardo também os reconhece.

Não pelos nomes.

Os nomes já morreram dentro dele.

Mas por aquela sensação antiga de ter dividido um mesmo tempo, uma mesma juventude, um mesmo país.

Ninguém fala.

O silêncio, leitor, é por vezes a mais eloquente das conversas.

Mufaro olha para as mãos calejadas.

Mateus olha para o fato apertado.

Bernardo olha para o vidro fumado do carro, onde o seu rosto se reflete como o retrato de um homem que recebeu tudo e, ainda assim, não sabe o que possui.

Subitamente, o semáforo abre.

Um automóvel atrás buzina.

A vida, que nunca respeitou momentos solenes, exige movimento.

Mufaro sorri.

Não um sorriso de felicidade.

Nem de tristeza.

Apenas o sorriso resignado de quem compreendeu alguma coisa que os outros ainda procuram.

— Afinal — diz ele, baixinho —, todos nós acabámos por vender água no mesmo cruzamento.

Mateus não entende.

Bernardo também não.

Talvez o leitor entenda.

Cada um segue o seu caminho.

O vendedor de água para a sua sombra.

O empregado para o seu escritório.

O herdeiro para o seu tédio.

E o semáforo permanece ali, indiferente, mudando de cor para homens que passam a vida inteira sem conseguir mudar de destino.

O narrador conclui:

— A desigualdade, leitor, não precisa de discursos. Basta um semáforo.

EPÍLOGO

A Tragédia do Contentamento

E assim terminamos esta humilde crônica de expectativas vazias e destinos previsíveis.

Mufaro continua a trabalhar, a viver pouco e a pensar muito — um filósofo de pés rachados. Talvez tenha sido o mais feliz, justamente por ter tido tão pouco. O pouco, em certas vidas, é liberdade.

Mateus envelhece a perseguir o quase: quase rico, quase feliz, quase promovido. A sua vida é uma coleção de tentativas com prazo de validade.

Bernardo herda o império e o tédio. Morre rodeado de quadros que ninguém entende, nem ele.

Nota Final Do Narrador

“E eis, leitor, o fim desta tragédia.

Qual a lição? Lição nenhuma.

O homem só aprende as lições que não lhe servem.

Agora feche este livro e vá preparar o seu próprio fato para o baile das aparências.

A vida espera — e cobra entrada.”

FIM